

Impasse à vista

CORREIO BRAZILIENSE

Antonio Caraballo

1 * DEZ 1993

Glenn - Brasil

Vai se desenhando no horizonte um enorme e preocupante impasse entre o Governo e o Congresso, por conta do programa de ajuste econômico idealizado pela equipe do ministro da Fazenda. E como de hábito, o povo brasileiro mais uma vez será chamado a pagar a conta dessa queda de braço. Se Fernando Henrique Cardoso tivesse chegado três fotos antes à galeria de ministros da Fazenda — e se o presidente Itamar Franco não fosse o poço de indecisão que é — provavelmente esse impasse não estaria sendo servido agora ao País.

As vésperas de uma duríssima campanha eleitoral e em meio a uma inédita e desgastante investigação de corrupção dentro de casa, o Congresso é chamado pelo Governo a aprovar duras medidas de contenção de despesas e aumento de arrecadação. A pesada carga tributária que já sufoca pessoas e empresas teria um acréscimo de 5 por cento. As transferências de recursos para estados e municípios, por conta das verbas federais, teriam um corte de 15 por cento. Os investimentos no setor público experimentariam forte retração, enquanto a política salarial do funcionalismo andaria sobre verdadeiro fio de navalha, para não enfrentar novo arrocho. Para tudo isto o Executivo quer o apoio explícito do Legislativo.

Sem o voto da maioria dos parlamentares não será possível encaminhar essas mudanças econômicas. E sem elas, não há como reequilibrar as contas públicas, abrir espaço para um combate efetivo à inflação, acertar de vez os ponteiros com os credores internacionais, trazer de volta a poupança de risco

externa para alavancar novos investimentos e a geração de empregos, além de devolver às famílias o direito de ter legítimos sonhos de consumo. A pedra de toque em todo esse plano de reforma seriam as mudanças previstas nos capítulos da Ordem Econômica Tributária e Previdenciária, por conta da revisão constitucional.

O problema é que o plano do ministro Fernando Henrique Cardoso chegou na hora errada. A base de sustentação parlamentar do Governo encolheu de forma impressionante. A reforma ministerial anunciada por conta das desincompatibilizações e enxugamento da máquina administrativa joga mais gasolina na fogueira das deserções partidárias. O affair da CPI do Orçamento terá seu clímax exatamente na hora em que atenções e vontade deveriam estar voltadas para o debate e a votação do plano econômico. Ao invés disso, possivelmente estarão às voltas com processos de cassações em massa de parlamentares. Para agravar essa perspectiva de impasse, já são nítidos os sinais de mobilização de lideranças empresariais e políticas para pressionar o Congresso contra a aprovação dessas medidas.

Apesar de sua articulada eloquência, as perspectivas para o ministro Fernando Henrique Cardoso são de um Natal rouco e frustrado. Como é da melhor tradição política nacional, é possível que tanta pregação encontre uma solução de compromisso em resposta. A gravidade e a profundidade dos problemas a administrar, no entanto, podem deixar ao ministro o amargor de quem se vê obrigado a trocar solução por acomodação, conserto por remendo. A dúvida é por quanto tempo o político que está ministro poderia conviver com esse impasse em sua biografia.